



MIGUEL CARVALHO

Cacique Miguel

o senhor das histórias

Tembé | Tenetehara



ABA PUBLICAÇÕES

 **mórula**
EDITORIAL





MIGUEL CARVALHO

Cacique Miguel

o senhor das histórias
Tembé | Tenetehara

JANE FELIPE BELTRÃO

RHUAN CARLOS DOS SANTOS LOPES

EDIMAR ANTONIO FERNANDES (ORGS.)

ABA PUBLICAÇÕES

 **mórula**
EDITORIAL

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA
(GESTÃO 2015/2016)**

PRESIDENTE

Antonio Carlos de Souza Lima (MN/UFRJ)

VICE-PRESIDENTE

Jane Felipe Beltrão (UFPA)

SECRETÁRIO GERAL

Sergio Ricardo Rodrigues Castilho (UFF)

SECRETÁRIA ADJUNTA

Paula Mendes Lacerda (UERJ)

TESOUREIRA GERAL

Andrea de Souza Lobo (UnB)

TESOUREIRA ADJUNTA

Patrícia Silva Osorio (UFMT)

DIRETORES/AS

Carla Costa Teixeira (UnB)

Carlos Guilherme Octaviano do Valle (UFRN)

Júlio Assis Simões (USP)

Patrice Schuch (UFRGS)

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA
(GESTÃO 2017/2018)**

PRESIDENTE

Lia Zanotta Machado (UnB)

VICE-PRESIDENTE

Antonio Carlos Motta de Lima (UFPE)

SECRETÁRIO GERAL

Cristhian Teófilo da Silva (UnB)

SECRETÁRIA ADJUNTA

Eliane Cantarino O'Dwyer (UFF/UFPA)

TESOUREIRO GERAL

Carlos Alexandre Barboza Plínio dos Santos
(UnB)

TESOUREIRA ADJUNTA

Rozeli Maria Porto (UFRN)

DIRETORES/AS

Claudia Turra Magni (UFPEL)

Fabio Mura (UFPB)

Lorenzo Macagno (UFPR)

Regina Facchini (Unicamp)

COMISSÃO PROJETO EDITORIAL

COORDENADOR

Antonio Carlos Motta de Lima (UFPE)

VICE-COORDENADORA

Jane Felipe Beltrão (UFPA)

Patrice Schuch (UFRGS)

Thereza Cristina Cardoso Menezes (UFRRJ)

CONSELHO EDITORIAL

Andrea Zhouiri (UFMG)

Antonio Augusto Arantes Neto (UNICAMP)

Carla Costa Teixeira (UnB)

Carlos Guilherme Octaviano Valle (UFRN)

Cristiana Bastos (ICS/Universidade de Lisboa)

Cynthia Andersen Sarti (UNIFESP)

Fábio Mura (UFPB)

Jorge Eremites de Oliveira (UFPEl)

Maria Luiza Garnelo Pereira (Fiocruz/AM)

María Gabriela Lugones (Córdoba/ Argentina)

Maristela de Paula Andrade (UFMA)

Mónica Lourdes Franch Gutiérrez (UFPB)

Patrícia Melo Sampaio (UFAM)

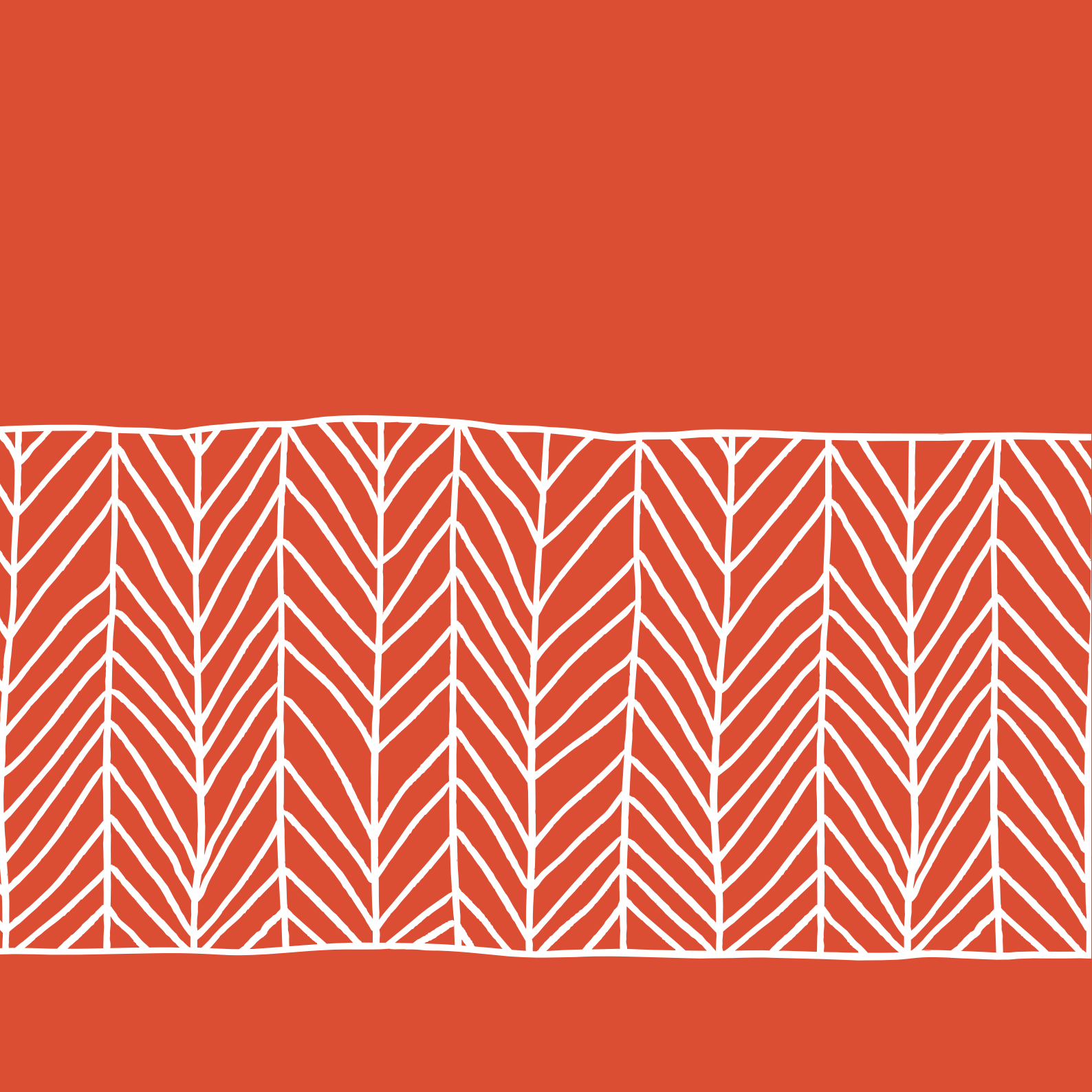
Ruben George Oliven (UFRGS)

Wilson Trajano Filho (UnB)

SUMÁRIO



- 05 As histórias nos termos indígenas
- 06 Os *Tembé Tenetehara* segundo sua própria ótica
- 07 Miguel, o cacique do Areal
- 09 Assim, tudo começou!
- 14 Do Maranhão ao Pará: um pouquinho da história dos *Tembé Tenetehara*
- 18 As pedras do caminho
- 20 As festas entre os *Tenetehara*
- 21 O Prata
- 23 Assembleia e Direitos
- 24 Convivendo com a discriminação
- 25 Na educação continua do mesmo jeito
- 27 Histórias *Tembé Tenetehara*
- 44 Outras formas de conhecer os *Tembé Tenetehara*
- 46 Sobre os/as organizadores/as



As histórias nos termos indígenas

Dando continuidade a política de produzir paradidáticos da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) apresenta-se ao público os livros escritos pelos povos indígenas e segundo os termos que lhes são próprios.

Histórias e mais histórias foram narradas para o deleite dos ouvintes do Cacique Miguel que, agora, inscritas na Coleção **Lideranças Tradicionais**, alcança com suas narrativas o público leitor e, registra para os “parentes” (demais povos indígenas), as histórias do seu povo.

Com as histórias de Miguel, espera-se que outros colegas e demais lideranças com quem interagimos, se interesse pelo registro da História Indígena, apoiando aqueles que desejam ter seus direitos reconhecidos e sua inserção na história do grande e diverso território do Brasil.

Antonio Motta & Jane Beltrão

EDITORES DO SELO ABA



Os *Tembé Tenetehara* segundo sua própria ótica

É com satisfação que se traz a público as histórias do Cacique Miguel, pelo selo ABA, tendo por lastro o projeto *Patrimônio, Diversidade Sociocultural, Direitos Humanos e Políticas Públicas na Amazônia Contemporânea* executado, pela cooperação, estabelecida entre o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) do Museu Nacional (MN) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e o Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal do Pará (UFPA) que ao longo dos de seis anos (2011-2016), tentou ouvir as lideranças tradicionais de povos indígenas e, com elas, discutiu a possibilidade de escrever a história dos povos aos quais pertencem.

A proposta foi aceita por algumas lideranças e, hoje, apresentamos parte do que se viabilizou com os interlocutores. O cacique Miguel considerado, pelos *Tembé Tenetehara*, como o senhor das histórias, nos encantou com seus relatos que percorrem muitas trilhas entre o Maranhão e o Pará. Os caminhos trilhados nem sempre são acolhedores, pois as pedras se fazem presentes aqui, ali e acolá, algumas são mesmo pedras, mais fáceis de enfrentar, entretanto, outras se fantasiam de missionários, colonos, médicos e, aos poucos vão insidiosamente produzindo o etnocídio, o apagamento orquestrado da cultura *Tenetehara* e até mesmo provocam o genocídio, pois muitos membros do coletivo indígena morrem nas lutas contra os invasores, outros, em geral crianças, são sequestrados para escolas que deveriam civiliza-los, a revelia dos pais. Outros mais, no afã de isolar os não indígenas em leprosários, por conta da maldita doença, expulsam de suas terras os legítimos donos do Prata, lugar das velhas aldeias *Tenetehara*.

Os relatos de Miguel, o arcanjo *tenetehara*, são bem urdidos e trazem à superfície as histórias de fundo que precisam ser escutadas, lidas para que todos saibam quem são os *Tenetehara* deste singular território, em Santa Maria do Pará.

Boa leitura!

Jane Felipe Beltrão & Antonio Carlos de Souza Lima

COORDENADORES DO PROCAD, VICE-PRESIDENTE E PRESIDENTE DA ABA (GESTÃO 2012/2015-2016)

Miguel, o cacique do Areal

Nascido em 25 de fevereiro de 1955, no território da aldeia Areal (nordeste do Pará), Miguel é filho de Raimundo Carvalho da Silva e Maria Leopoldino da Silva. Foi sua mãe quem contou as histórias que fizeram do Cacique a referência na memória *Tembé*. Atualmente, entre esses indígenas, há lideranças tradicionais: pessoas mais velhas, pertencente às famílias que são marcos históricos da formação do povo *Tembé Tenetehara* de Santa Maria do Pará.

Na aldeia Jeju, a liderança é da Capitoa Maria Francisca da Silva. No Areal, Miguel Carvalho foi Cacique até o seu falecimento, em novembro de 2015. Antes dele, seus irmãos Maria Leopoldino e Manuel Pedro Leopoldino foram, também, lideranças importantes no Areal.

Exímio narrador, Miguel Carvalho, era o contador de histórias preferido entre os *Tembé Tenetehara*, guardião das “histórias sem fim” que recitava a quem se dedicasse a ouvi-lo. Muitas pessoas indígenas e não indígenas integravam suas diversas plateias. As crianças ficavam em silêncio para vê-lo falar. Sua ausência deixou imensas saudades em nós.

O livro que vem a público é uma homenagem ao Cacique Miguel e reúne as inúmeras histórias que o Grupo de Pesquisa *Cidade, Aldeia e Patrimônio* conseguiu reunir, entre 2009, quando ele nos recebeu pela primeira vez, até o dia em que nos abandonou em 2015, após um fatídico acidente.

Jane Felipe Beltrão, Rhuan Carlos dos Santos Lopes & Edimar Antonio Fernandes
ORGANIZADORES





Assim, tudo começou!

Maíra e os *Tenetehara*

Nós *Tembé Tenetehara* surgimos de Maíra, mas poucas pessoas conhecem a história de Maíra. Ele era uma pessoa, um pajé poderoso que transformava as coisas. Maíra foi casado, mas se separou após ficar muito doente. Foi assim que de uma árvore se transformou em mulher. Depois disso surgiram os *Tenetehara*.

Naquele tempo, os *Tenetehara* cuidavam da roça, mas não existia mandioca. Tudo era só canapum (*Physalis angulata L.*), então os parentes cuidavam do canapunzal. Canapum é um tipo de mato que cresce até o tamanho de uma pequena árvore. Até hoje, existe nas nossas roças, ele dá um fruto comestível e gostoso, no qual há uma semente. Os *Tenetehara* gostavam muito daquilo, por isso que aqui no nosso Pará existe muito canapum.

Como não havia mandioca (*Manihot esculenta Crantz*), não havia farinha. Maíra, então, estava doente e uma pessoa sempre levava um tipo de farinha para ele. Essa pessoa nunca aparecia, ninguém a via. Toda vez que a sua mulher chegava da roça, tinha um bocado de farinha debaixo da rede dele. A mulher ficou curiosa com o fato e decidiu esperar para ver quem trazia aquela farinha. Junto com outras parentes, ficou escondida e foi então que encontraram a pessoa que trazia a farinha para o Maíra. Os *Tenetehara* achavam que era Tupã que fazia isso por conta da saúde de Maíra. Quando os parentes viram aquele homem, ficaram assustados com sua feição. Mas então ele disse: — Não, não tenham medo, minhas irmãs. Vocês estão fazendo o que? Elas responderam: — Não, nós estamos capinando nosso canapum. Então o homem respondeu: — Não! Diga assim: nós estamos capinando nossa roça. Foi então que as parentes voltaram e viram a roça. O homem se voltou para elas e disse: — Eu vou trazer a maniva para vocês plantarem. Ele trouxe a maniva e disse para as mulheres plantarem, era a mandiocaba (rama da mandioca). Depois o homem disse: — Agora



eu vou trazer o milho. Ele então mandou buscar um balaio passou milho e, também, feijão e disse: — Isso aqui é pra alimentação de vocês.

Na casa de Maíra, o homem falou ao pajé sobre a mandiocaba: — Aquela ali tu podes plantar hoje e amanhã podes mandar arrancar. Maíra então mandou a mulher plantar e no outro dia disse: — Mulher, vá à roça Maíra para arrancar a mandiocaba, para fazer mingau para nós. A mulher respondeu: — Mas ainda não está bom. Eu plantei ontem! — Vai que eu tô mandando, insistiu Maíra. — Eu não vou, não! Retrucou a mulher.

Maíra e a mulher tiveram uma discussão, o que o deixou zangado com a falta de atenção ao seu pedido. Maíra saiu e a mulher ficou sozinha. Somente após 15 dias ela foi até o roçado. Quando chegou lá se deparou com um monte de mandioca tufada, com os troncos apodrecidos. Sabendo disso, Maíra disse: — Agora vocês terão que esperar por um ano para poder comer! É por isso que nós esperamos por um ano para poder comer a farinha. Foi então que Maíra sumiu e a mulher ficou grávida. Ainda no seu ventre seu filho, de nome Maíraira, falou aos oito meses: — Mamãe, cadê papai? — Seu pai foi embora. — Mas não pode! Disse o bebê da barriga de sua mãe. — Teu pai foi embora, respondeu a mãe. — Então vamos atrás dele. — Mas com é que vai? — Eu sei pra onde ele foi. Vamos seguir atrás dele? — Não, eu não vou — disse a Mãe ao seu filho em seu ventre. Maíraira insistiu muito, até convencer sua mãe. Os dois andavam pela floresta e em todo o canto que passavam Maíraira pedia para a mãe pegar uma flor: — Mamãe, tem uma flor ali! A mulher apanhava a flor e ia com o braço cheio delas. Mais a frente havia uma cachopa de marimbondos que atacaram a mulher. Enraivecida, a mãe esculhambou Maíraira e perguntou: — Para aonde é que o teu pai vai? Maíraira, então, não falou mais. Calou-se, deixando sua mãe mais tranquila. Porém, a mulher percebeu que estava perdida na mata. Não havia caminho, não havia direção para onde ir. Ficou rodando até que varou na casa da **Mucura**, que morava sozinha, como todas as mucuras. — Aonde é que tu vás? Indagou a Mucura. — Rapaz, eu vou pra cá. — Ah, não vai agora, não. Vai amanhã, porque faz muita chuva. Foi então que a mucura fez aparecer uma chuva, mas a casa dele era só de palha e toda furada. A mulher se viu apherreada para dormir. Para todo canto que ia tinha gotejamento. No dia seguinte a mãe saiu perdida pela mata. Foi quando se deparou com a casa da onça. — Para onde é que tu vás? — Perguntou a Onça à mulher perdida.



MUCURA (*Didelphis marsupialis* L.) é o nome dado ao gambá na Amazônia. É um mamífero marsupial (possui bolsa). "Come de um tudo" pois é onívoro, gosta de atacar os galinheiros, é o terror das criações, que confinadas não conseguem se livrar do predador. É também conhecido como: sariguê, saruê ou sarigueia e tantos outros nomes depende da região.

— Estamos por aí a procura do fulano. Disse a mulher. — Não, o fulano acabou-se. Fica aqui e espera fulano chegar. O fulano era o filho dela, que ‘tava caçando, aí do caminho ele gritou, disse, Maíraira: quem é que ‘ta aí dentro de casa? Velha: olha não é ninguém não, calma!

Sei que nessas alturas quando chegou, o Maíra foi, transformou a mãe dele numa veada (*Mazama spp.*), dentro do bucho da mãe dele ele transformou ela numa veada aí saiu, aí botaram o cachorro atrás, pega daqui, cerca de acolá e vai pra cá vai pra acolá, aí ele foi transformou ela num cupim (*Cryptotermes brevis*), virou um cupim, a onça (*Panthera onca*) foi, trouxeram ela mesmo como um cupim, aí ela foi não teve jeito mesmo, aí transformou em outro bicho, em outra caça, aí mataram, quando mataram ficou os dois bichinhos, a velha, aí foram pega a caça, que transformou em caça, aí as netas disseram: — Vovó, tem um casal de bichinho aqui no bucho e ‘tá vivo! A onça respondeu: — Traz aqui pra mim que eu quero comer assado com molho de pimenta.

Dai trouxeram pra lá. A onça disse: — Bota aí que vô fazer um fogo, faz um fogo que eu quero comer eles assados com molho de pimenta, eu vô botar aqui dentro de uma panela, que é pra escaldar. Daí colocaram dentro de um saco, enfiaram dentro da panela, e colocaram em cima do fogo. Daí quando colocou dentro puf, puf... o fogo apagou, aí pronto a minha paneja tinha virado uma panela de barro.

As netas aflitas perguntaram a avó: — E agora? A onça respondeu: — Bota dentro do Pilão, pila ele dentro do pilão, mata ele, bate na cabeça dele com um pedaço de pau. Daí virou um bate, bate, acabou batendo a mão. A onça disse: — Ah! Bati minha mão. Mas continuou falando: — Bota dentro do pilão, joga dentro do fogo. Aí quando foi jogar no fogo botou foi a mão no fogo, queimou a mão todinha. Aí a onça se zangou: — Deixa aí, deixa morrer pra lá, daí botou lá no canto, mas quando foram olhar no outro dia, o neto falou: — Vovó, tem dois quati (*Nasua nasua*, Linnaeus 1766), a onça respondeu: — Pois deixe meus quatis aí. Quando foi no outro dia. — Vovó tem dois papagaios (*Amazona aestiva*).

E nessa arrumação quando passou alguns dias que foram espiar tinha duas meninas. Lá gritou o neto: — Vovó tem duas crianças aqui. A onça respondeu: — Traga meus bichinhos pra cá, vou criar. Aí a velha começou a criar os meninos, aí quando ficaram grandinhos e, já saíram pra caçar, a onça aconselhou: — Olha! Não vão muito





longe pra caçar que aí pra frente tem visagem. Prepararam uma flecha e daí foram flechando tudo. Uma vez mais a onça chamou atenção: — Olha não vão flechando muito, se não aparece bicho que fala. As crianças ficaram pensando: por que que vó sempre diz isso pra gente? Vamos mais longe. Daí os meninos foram cada vez mais longe, estavam mais fortes, com 10 a 12 anos. Encontraram o jacu no caminho, o jacuzão (o pai) avoou e disse: — Vocês tão morando com a pessoa que matou a mãe de vocês. As crianças assustadas disseram: — Como é a conversa? Daí foram mais lá atrás e pensaram: Ah rapaz! Foi a velha que comeu a mãe da gente, não se preocupe... vamos, e Maíraire falou: — Vamos vingar a morte da mãe, da nossa mãe. E Mucuraire: — Como é que nós vamos fazer? Maíraire: — Não se preocupe. Quando chegaram em casa com os olhos inchados, a velha onça disse: — O que é que vocês fizeram que choraram muito? É, responderam os netos: — Foi marimbondo (*Hymenoptera, Vespidae, Polistinae*), vovó. Mas marimbondo o que? Aqui não tem marimbondo. Maíraire disse ao irmão: — Vai busca um bolão de barro e joga nela. Assim, ele pegou um bolão de barro e jogou, ele se transformou em marimbondo, daí ferrou ela todinha.

— E agora? Disse Mucuraire, ao que Maíraira: — Agora nós vamos caçar longe. Foram indo, indo, acharam um rio, e pra atrair as onças fizeram um bocado de abanos, jogaram dentro do rio e os abanos se transformaram em piranha (*Serrasalmus spilopleura Kner, 1858*), em cima do rio fizeram uma ponte, colocaram um pau grande. E, foram chamar todas as onças pra vir busca fruta, levaram uma amostra, as onças ficaram todas animadas e disseram: — Olha! Nós vamos buscar. Até a velha foi junto buscar, e aí o que que aconteceu é que eles para atrair a onçada mataram um veado (*Mazama americana Erxleben, 1777*), uma anta e jogaram lá tudo preparado, e agora tá bom vamos ver a onçada, pra vingar o que fizeram com a minha mãe. Daí um deles ficou na ponta do pau e outro aqui embaixo segurando, quando subiram todas as onças eles balançaram o pau e acabaram com as onças, no rio de piranhas.

Depois de afogarem a onçada no rio de piranhas, os dois foram à procura do velho Maíra. Se entreolharam e disseram: — Vamos procurar o Velho. Saíram procurando até que encontraram, pois em todo o canto que chegavam eles perguntavam: — A donde é que ‘tá Maíra? O velho, nesse tempo todinho, ele ‘tava num canto, aí ele dizia pra eles: — Vocês querem ver visagem do cabelão? E as crianças animadas, respondiam: — Vamos lá...

Chegaram lá ‘tava o **Matinzão**, com um cabelão, eles diziam: Tamuí (vovô) nós vamos taca (tocar, colocar) fogo ali. E, Tamui dizia: — Não, cuidado pra não pega fogo no meu cabelo. As crianças responderam: — Não, nós vamos cuidar. Chegaram lá e botaram fogo na ponta do cabelo do Matinha e avisaram: — ‘Tá pegando fogo no teu cabelo. Ai foram e secaram tudo que é igarapé, e a cabeça do Matinha espocou, ele morreu! Daí foram chegando, chegaram num Matinho que ‘tava raspando o arco, fazendo flecha e Maíra disse assim: — Pra que essa flecha? Matinha respondeu: Ah rapaz! Essa flecha aqui é pra flecha o Maíra que vem ai transformando a gente em bicho, fazendo a gente de cobra, outros de bacurau, enfim transformando a gente, dizem que ele é poderoso, ele tem essa mania de fazer a gente se vira nas coisas, mas quando ele chegar aqui eu vou matar ele. As crianças curiosas: — Ah rapaz! Mas quando você vê ele você não vai conhecer, mostra aí esse seu arco. Aí ele foi mostrar assim o arco, ele assoprou o arco.

É por isso que hoje existe aquela cobra a caninana (*Spilotes pullatus*, Lineu 1758), quando ela corre chega faz zumm, e o arco virou caninana, e o cara virou um bacurau (*Nyctidromus albicollis*), ai foram pra casa do velho o velho disse: — Vocês querem ver o Martim pescando? Andaram, chegaram lá o cara ‘tava pescando, e aí ‘tá pescando vovô? — Tô, pegando aqui um peixinho, Daí o Maíra transformou tudo, foi cortando os anzol, cortando, cortando, aí o Mucura disse: — Ah! Eu vou virar também. Virou um surubim.

Isso é Maíra e Micuraire fazendo todas essa presepadas, é por isso que hoje tem *Tenetehara* nó cego, o *Tenetehara* é surgimento de Maíra, Maíra velho, ele era só mas que de uma árvore surgiu uma mulher e, aí começou a geração dos *Tenetehara*. E pra finalizar a história o Maíra velho ficou, e Maíra disse pra cabeceira do rio **Gurupi**, segundo a história diz, foi pra cabeceira do rio Gurupi e o outro pra cabeceira, não sei se é o rio **Guamá** ou é o **Piriá**, sei que é um dos dois desses rios, sumiu pra lá, diz que na cabeceira desse rio lá é uma cidade. E nós aparecemos por força de Maíra e seus gêmeos.

Os *Tenetehara* lutam, mas brincam, são “nó cego” não param de ser traquinas, mas na luta não desistem, por isso estamos aqui, viemos andando andando, chegamos antes de todos, aqui é nosso lugar, nossa terra, nossa mata, nossos rios, ‘tá pouco, mas é nosso.

MATINZÃO

Segundo a tradição amazônica, a *Matinta Perera* é um ser sobrenatural que pode se manifestar em forma de pássaro noturno ou mulher idosa com longos cabelos.

Para saber mais:
SILVA JÚNIOR, Fernando Alves. 2014. **O mito da Matinta Perera de Taperaçu Campo e o conceito de dádiva: aproximando-se de um conceito antropológico.** *Amazônica* 6(2): 484-502.

GURUPI

Rio na divisa entre os estados do Maranhão e Pará.

GUAMÁ E PIRIÁ

Rios localizados no estado do Pará.

[Cacique Miguel encerra a narração muito pensativo e sério.]

Do Maranhão ao Pará: um pouquinho da história dos *Tembé Tenetehara*



INHANGAPI, SÃO MIGUEL DO GUAMÁ E IGARAPÉ-AÇU

Municípios localizados
no nordeste do estado
do Pará.



JAMAXI

Cesto cargueiro.



CAPITÃO POÇO, TOMÉ-AÇU E PARAGOMINAS

Municípios localizados
no nordeste do estado
do Pará.

Houve um tempo em que em toda essa região havia *Tembé*. Nem havia a cidade de Santa Maria do Pará, ainda, mas nós estávamos aqui. Às proximidades do município de Castanhal, em **Inhangapi**, **São Miguel do Guamá** e **Igarapé-Açu**... estávamos em toda essa área. Os parentes que viviam no território do que, hoje, é Santa Maria e ia até São Miguel, com o **jamaxi** nas costas, para buscar argila utilizada na produção de pratos e panelas.

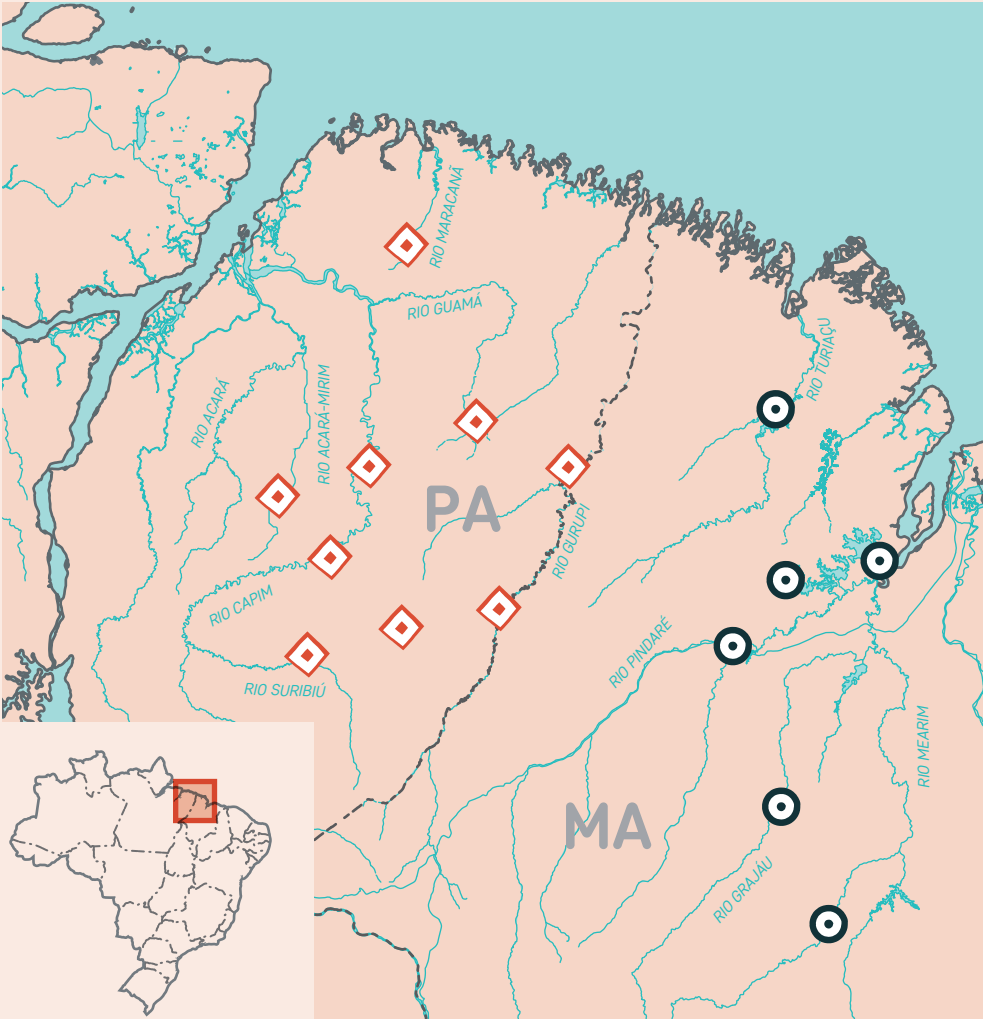
Minha mãe, por exemplo, nasceu, aqui, na aldeia Areal. Meus avós, porém, vieram do Maranhão. Antes de chegarem aqui, residiram por muito tempo às margens do Rio Gurupi, na divisa entre os estados do Pará e Maranhão. A viagem foi longa e provocada pelos conflitos com os *Timbira*, um povo que tinha rivalidade com os *Tembé*. A colonização dos brancos, no entanto, apressou nosso afastamento. Meu avô contava para minha mãe que eles atacavam as aldeias, matando todo mundo.

Foi assim que nós deixamos os *Guajajara*, nosso povo de origem, e passamos a ser chamados de *Tembé*. Partilhamos muitas coisas, inclusive a língua. Algumas famílias foram para o rio Capim, algumas foram pro rio Guamá, outras subindo no rio Gurupi. Com o tempo, resolveram seguir ao Pará. Desde a vinda dos *Tembé* do rio Pindaré, para as aldeias entre o Pará e o Maranhão, nós tentamos nos afastar para não causar muita polêmica. É por isso vieram de lá até o Pará e, hoje, habitam **Capitão Poço**, **Tomé-Açu**, **Paragominas**.

O destino deles foi chegar até Igarapé-Açu. Depois disso, também foram a Belém falar com o governador. Minha mãe contava que o Capitão Leopoldino liderou a família até a capital: esposa, filhos, cunhado, irmãos, primos. Eles chegaram em Belém por volta de 1840 e foram recebidos pelo governador. Foi então que receberam a tarefa de voltar para região de Igarapé-Açu, às margens do rio Maracaná, e tomassem conta de tudo.

DISPERÇÃO *TEMBÉ* E *GUAJAJARA* (PARÁ E MARANHÃO, BRASIL)

BASEADO NO MAPA ETNOHISTÓRICO DE NIMUENDAJU (1947)



ALDEIAS DO VALE DO RIO MARACANÃ

- ▲ PRATA
- ▲ AREAL
- ▲ JEJU

◆ *TEMBÉ*

⊙ *GUAJAJARA*

--- LIMITES ADMINISTRATIVOS

— HIDROGRAFIA

MAPA: RHUAN CARLOS LOPES
FONTE: IBAMA, 2016.



CABANAGEM

Movimento político classificado como revolução social, ocorrido entre 1835 e 1840. Apesar da explosão do movimento ter ocorrido em Belém, sua expansão alcançou o vasto território amazônico.

Para saber mais: RICCI, Magda. 2007. **Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840.** *Tempo* 11(22): 5-30.

Naquele tempo, podíamos permanecer tranquilamente por aqui, já que havia muita caça e muito peixe. Ou seja, o povo *Tembé* podia se manter. Nessa época existia a Aldeia Velha, próxima ao Maracanã. Lá também viveram os refugiados da **Cabanagem**.

Outra das nossas aldeias era a do Anselmo, na cabeceira do rio Jeju. Até hoje permanecem alguns membros desse povo por lá, os familiares da Capitoa Maria Cassiano. No Areal havia os Leopoldinos, minha família. Durante muito tempo a família cresceu. Rapidamente, porém, diminuiu, por conta do foco da sociedade branca que aproximava cada vez mais. A diminuição foi principalmente em razão das doenças. Os parentes não estavam preparados para essas enfermidades. Antes o povo tinha uma forma de curar. Mas, não sabiam como lutar contra outros tipos de doença, tais como a pneumonia, sarampo, catapora... acabavam morrendo!!! Foi desse jeito que a família Leopoldino foi diminuindo rapidamente. Essa aqui (Aldeia Velha) é considerada aldeia não é de hoje! Algumas pessoas, dizem que ninguém conheceu esse lugar como aldeia. Mas toda vida foi aldeia. A dona Maria Delfino morou ali. Lá nasceu esses menino todos: Francisca, Margarida, Antonia, Jorge... enfim, nasceram todos aqui. O avô da Francisca morava ali na entrada do Santo Antônio.

Com o passar do tempo eles foram sendo pressionados pela sociedade branca e pelo governo à época. Começou a instalação de colônias, com a vinda de muitos nordestinos. Assim, nossos parentes foram se afastando... Minha mãe dizia que a avó e o pai dela tinham muito medo de caraíba. Na língua *Tembé* nós chamamos os brancos de caraíba. Quando chegava alguma pessoa que ela dizia: — Quem é? É caraíba? Com medo, ela amarrava tudo quanto era de porta feita de varas.

Foi então que criaram a rodovia Belém-Brasília. Antes disso só havia a Estrada de Ferro Belém-Bragança, além da Linha Telegráfica. O povo *Tembé* convivia com tudo isso. A rodovia, no entanto, cortou de maneira drástica o território, afastando os



“Hoje, não é mais como era há 200 anos. Se nos compararmos com os antepassados *Tenetehara* veremos que tudo se modernizou. Nós, povo *Tembé*, somos diferentes dos *Kayapó*, dos *Munduruku*. Somos um povo que toda vida foi moderno”

Tembé das áreas antigas de caça, como era o caso do Prata e Santo Isidoro. Meus tios, minhas tias, iam caçar e pescar para lá, e com a estrada de rodagens tudo diminuiu!

Com o passar do tempo o governo criou colônias na região. Chegava gente de todo lugar, principalmente, do nordeste do país: cearenses, piauienses... O pedaço de terra restante foi muito pouco, do Santo Antônio até o Goiabal. Um pedacinho de terra e até hoje nós estamos lutando por ela. O Instituto Nacional de Reforma Agrária (INCRA) concedeu documento aos posseiros e, depois, eles foram repassando para outros. E, até hoje, nós estamos por aqui sofrendo, lutando pra ver se consegue trazer de volta. Está um pouco complicado. Mas esperamos que um dia possamos chegar lá. Ou seja, uma terra indígena não é apenas dez quilômetros de frente com vinte quilômetros de fundo. Se tivéssemos que fazer toda a demarcação do antigo território *Tembé* vai causar uma polêmica muito grande conosco, já que daqui até Belém são 110 quilômetros. Isso ocuparia todas as nossas colônias. Do Santo Antonio ao Goiabal está de bom tamanho.

Hoje, não é mais como era há 200 anos. Se nos compararmos com os antepassados *Tenetehara* veremos que tudo se modernizou. Antes, nossos antepassados, eram povo diferente de hoje. Os povos se misturam até chegar o ponto atual. Nós, povo *Tembé*, somos diferentes dos *Kayapó*, dos *Munduruku*. Somos um povo que toda vida foi moderno.

Hoje, ninguém tem conhecimento da nossa história. Alguns deles, não sabem, nem tem conhecimento da nossa história. Hoje, as pessoas das gerações mais antigas estão bastante idosas, muitos morreram. Mas, a família está formada, com filhos, netos e tataranetos.

As pedras do Caminho

O loteamento das nossas terras feito pelo estado do Pará, “chega de ser” uma pedra que tem no nosso caminho. De qualquer maneira, nós tentamos preservar nossa cultura. Como dizia minha mãe: nós não somos *karaiu* (brancos), nós somos *owã* (índios). Sempre soube que era *Tembé* porque ela falava. Nós somos uma cultura diferente: no modo de falar, no modo de comer, no modo de trabalho, e muito mais. Por isso minha mãe sempre falava na língua *Tembé Tenetehara*; ela falava pouco o português. Eu aprendi a língua do nosso povo em casa, o português eu aprendi na escola. Ou seja, nós éramos obrigados a falar outra língua!

Minha mãe sempre dizia que nós nos misturamos muito com o *karaiu*. As índias casando com não-índio; os índios casando com mulher branca e trazendo para dentro da comunidade. Outros vão morar na cidade. Isso acaba gerando contradição na cultura, já que tem muitos *Tembé* que não falam a língua, só usam o idioma português. Hoje, nós temos mais de 15 anos de luta, correndo atrás desse objetivo, resgatando a cultura, os cânticos, as danças.

Nosso problema também vem da cidade. Com o passar do tempo está ficando difícil para educarmos os nossos jovens!

Antigamente, minha mãe não comia todo tipo de comida. Eu, por exemplo, só comi carne de boi aos 10 ou 12 anos de idade. Nossa alimentação era caça e peixe. Meu pai era negro e minha mãe era indígena, mas eu fui criado sem pai. Minha mãe e eu convivíamos dentro da comunidade, pescávamos e caçávamos bastante. Hoje, eu me sinto feliz, tenho orgulho de dizer que sou indígena e conheço a história do meu povo, sei da onde eu vim! Nós não estamos nos transformando em índio, ocupando o espaço dos outros, não. Nós temos certeza que somos indígenas. Acabou-se e pronto! Porque no lugar que eu nasci, ainda, permaneço.

O correto seria falarmos o tupi-guarani. Essa é a língua que os portugueses encontraram aqui. Hoje, nós estamos tentando resgatar tudo aquilo que foi praticamente deixado pra trás, principalmente a terra, saúde educação. Esperamos que uma dia possamos chegar lá, um dia!

E, hoje, nós resistimos a essa força, a pressão dos não indígenas. Continuamos aqui, ainda sofrendo. O sangue não pode mudar! Dentro das nossas veias corre sangue, esse sangue é dos nossos antepassados, dos nossos pais, nossos avós. É o sangue indígena! É isso que nós temos que mostrar e provar em qualquer canto.

Se alguém me diz: rapaz, tu és cearense? Eu respondo: não, eu sou indígena! Mas, ele insiste: De qual forma? Por que tu andas calçado de sapato? Eu digo: Não, mas eu sou índio! Ele diz: Mas como tu podes me provar que tu és índio? Eu afirmo: é porque eu sei a história do meu povo! Eu falo um pouco da língua Tupi, *Tenetehara*!

Certa vez, um rapaz queria fazer um livro sobre a história da cidade de Santa Maria do Pará. Ele queria saber qual povo fundou o município: do nordeste, do sul, do sudeste ou centro-oeste. Muitos diziam que foram os cearenses. Falava-se que por aqui havia índio, mas todos foram embora para o Amazonas ou morreram, não existiam mais. Foi então que ele veio até o Areal e conversou comigo. Eu disse que minha mãe afirmava que nós éramos índios, mas eu não lembrava o nome do nosso povo. Eu sabia até falar algumas palavras na língua: *zauara*, por exemplo, é cachorro. Foi então que o pesquisador afirmou que éramos *Tembé*. Ele foi à casa da Dona Maria Cassiano e ela contou a mesma história.

Depois disso, fomos à Fundação Nacional do Índio (FUNAI), em Belém. Eles nos receberam com espanto, pois conheciam, apenas, os parentes de **Tomé Açu, Paragominas e Capitão Poço**. Foi então que o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) também se aproximou. Depois disso disseram que o CIMI estava fazendo índio, criando indígena. Desde esse momento estamos com essa ação. Junto com os parentes mais novos, o Almir, o Alan e o Alex, enviamos documentos, entramos em contato com os parentes de Capitão Poço, Tomé Açu e Paragominas. Nos reunimos no Ministério Público, na presença do Márcio Meira, presidente da FUNAI, então ele disse: "... Se os parentes de vocês assinam embaixo, reconhecendo vocês como indígenas." E foi isso que aconteceu. Nós fomos à Brasília, ele emitiu o documento, e nós fomos reconhecidos oficialmente. Mas para ter todos os direitos enquanto indígenas falta a regularização do território, da saúde, da educação. Eu espero que daqui pra frente as coisas possam melhorar.

TOMÉ AÇU, PARAGOMINAS E CAPITÃO POÇO

Nesses municípios, localizados no nordeste do estado do Pará, encontra-se a Reserva Alto Rio Guamá (RIARG), criada em 1945. Situada entre a margem esquerda do rio Guamá e margem direita do rio Gurupi, a RIARG foi destinada aos *Tembé*, *Timbira*, *Kaapor* e *Guajá*.

Para saber mais:
ALONSO, Sara. 1999.
A disputa pelo sangue: reflexões sobre a constituição da identidade e "unidade Tembé". *Novos Cadernos NAEA* 2(2): 32-56.

As festas entre os *Tenetehara*

MUQUIAR OU MOQUEAR

é o processo tradicional usado para conservar carne de caça e outros tipos de alimentos. A carne é disposta sobre uma grelha de madeira ou um varal, feito com galhos de árvores úmidos, para dificultar a queima. O assador é montado sobre uma fogueira que só produz fumaça, pois se coloca folhas para evitar que o fogo consuma os alimentos, eles devem assar bem devagar. Ao conjunto – assador mais fogueira de fumaça, chama-se muquém ou moquém. A técnica conhecida como muquiar ou moquear é usada por inúmeros povos indígenas no Brasil. Ainda hoje, nas feiras pelo interior do Pará, é possível comprar peixe moqueado, considerado pelos apreciadores uma iguaria.

Uma das nossas festas é a da Menina Moça. Ela ocorre quando a menina tem a primeira menstruação, por isso é chamada de menina moça. Mas isso não quer dizer que ela esteja pronta para casar. Ao fim da festa, porém, será possível verificar se a menina será boa mãe de família. O ritual também evita que ela traga vários tipos de doença para a aldeia, o que poderia causar a morte dela durante a velhice. A menina é proibida de sair do quarto durante 15 dias. Ela tem um resguardo fino, tal como o resguardo de quem ganha um bebê.

Outra festa é a do **Muquiado**. Minha mãe mesmo contou como funcionava, já que ela participou do Muquiado dentro da própria aldeia Areal. Ela ainda era criança quando sua prima, chamada Santinha, organizou a festa. Todos os guerreiros iam para a mata caçar; matavam bastante caça: paca (*Cuniculus paca*), cutia (*Dasyprocta aguti*), catitu (*Pecari tajacu Linnaeus, 1758*). Todos os animais eram muquiados — dispostos em sobre em uma grelha ou varal suspenso sobre um fumeiro para desidratar, durante alguns dias — em seguida iam pra dentro do jamaxi. Depois, tudo ia para dentro de um panelaço para amolecer. Amolecidos, retiravam-se os ossos e a carne era pilada, junto com farinha de mandioca, transformada em paçoca molhada. Por fim se faz aquela bola de massa e interior é recheado cheio de carne. Então, alguém, coloca o muquiado em uma peneira e entrega aos convidados. A peneira na língua *Tembé* chama *arupema*, ela é redonda feita de guarumã (cipó).

Como vivem os *Tembé*, hoje?

Você conhece palavras em *Tembé Tenetehara*?

É possível ensinar aos demais estudantes?

O Prata

O Prata era todo nosso território. Território tembé. Com a chegada dos missionários italianos, foi fundada a Colônia de Santo Antonio do Prata. Desde então, as coisas mudaram muito para o povo Tembé. O **Frei Samarate** descia e subia pelo rio Prata, buscando os indígenas nas aldeias. Próximo à boca do rio Jeju encontrou a família dos Tupano, dos Tomás, do Orácio, dos Brás, e dos Anastácio. Todos conviviam por lá. Toda a região era dos indígena, uma colônia grande de indígenas, a minha mãe sempre me repassava isso.

Foram nossos parentes que fizeram o trabalho braçal para erguer a Colônia, como não havia motosserra, tudo era feito com o uso do machado. Criaram-se também colégios, nos quais os *Tembé* estudavam, tendo os frades e irmãs capuchinhos como professores. Muitos parentes estudaram lá, mas nem todos. Minha mãe, por exemplo, nunca foi aluna no Prata. Clarindo estudou lá, finada Augustinha também... Vários índios se formaram e trabalharam no Prata! O que eles queriam era tentar mudar o ritmo da convivência dos *Tembé*. Diziam que os índios tinham que estudar e largar a vida selvagem! Diziam que isso não era normal, que tínhamos que estudar para sair selva! Minha mãe ouvia isso e, quando nasci, repassava essas histórias para mim.

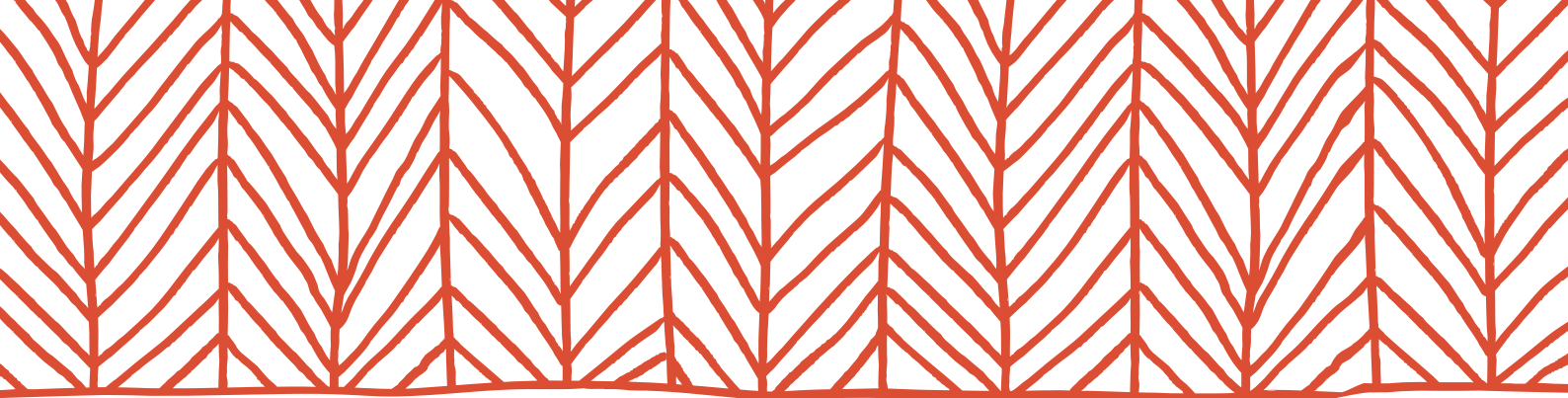
Com essa colonização do Prata, apesar de muitos índios terem se formado por lá, muitos foram mortos. Eram assassinados pelos brancos, principalmente por bebida alcoólica. Os parentes bebiam e eram assassinados, também morriam afogados no rio para fugir das atrocidades, e assim daí por diante! Um dos meus tios, inclusive, foi assassinado dentro do Prata.

Colônia do Prata não enfraqueceu totalmente nosso povo, mas provocou impacto. Minha mãe dizia que os parentes continuavam dentro da sua cultura, fazendo as festas, tal como a festa do Muquiado ou da Menina Moça. Depois vieram as proibições e

FREI DANIEL DE SAMARATE

Nasceu na Itália, Daniel de Samarate entrou para o convento dos Capuchinhos em 1980. Oito anos depois, chegou ao Brasil, para atuar na Missão de Canindé, no Ceará. Em 1900 foi transferido para a Colônia Santo Antônio do Prata, no Pará, onde atuou como administrador por 13 anos. Após contrair hanseníase, Frei Daniel foi deslocado para o Anil, em São Luis, em 1913. No entanto, no ano seguinte (1914), retornou ao Pará, e ficou internado no Leprosário do Tucunduba, em Belém, até seu falecimento em 1924.

Para conhecer mais, ler:
MICHELI, Michele. 1986.
O Gigante do Prata.
Caxias do Sul: Paulinas.



passamos muito tempo sem fazer as festividades. Quando eu fui convidado para ir à Capitão Poço, durante Festa do Muquiado do rio Guamá, lembrei de tudo que minha mãe contava para mim.

Com o passar do tempo a Colônia do Prata mudou. Foi transformada em leprosário! Foi então proibida a entrada de pessoas sadias... Como diziam à época, não era permitido entrar por conta de a doença ser contagiosa. Nem mesmo as crianças nascidas no leprosário podiam ficar com suas famílias. Isso foi modificando, ainda mais, a situação dos *Tembé*. Não tinha como ficar no Prata. Mas as terras de lá era o setor aonde os indígenas caçavam e pescavam, utilizando os rios Prata e Maracanã, justamente no meio desses dois rios ficou localizada a Colônia. Os parentes passavam semanas caçando e pescando por lá! Mas com a chegada dos leprosos, nosso povo teve de se afastar, já que não permitiam os sadios estarem transitando no local. Não tenho notícia de nenhum parente contaminado com a lepra nesse período. Isso só aconteceu muito depois, quando a cidade se fazia grande.

Alguns parentes do Areal foram morar no Prata, depois do fim da proibição da circulação de sadios no lugar. Mas alguns não mais voltaram e outros se recusam a falar do Prata.

[Miguel lembrava do Prata com aflição, passava a ideia de que por lá seus parentes sofriam muito! Algumas vezes os olhos ficavam marejados de lágrimas.]

Direitos discutidos em assembleias

Nossa Assembleia é diferente. Não dura poucas horas, como por exemplo a dos apicultores que é rapidinha, duram apenas o tempo que nós preparamos o Jenipapo para as pinturas dos participantes das nossas assembleia, diria umas duas ou três horas.

Nós levamos dois ou três dias pra discutir os assuntos, fazemos comida para todos. Debates nossos direitos, nossos objetivos para os dois anos seguintes, escolhemos quem vai correr atrás dos nossos objetivos. Nós discutimos três coisas essenciais: terra, saúde e educação. São essas reivindicações mais preciosas para o povo *Tembé*, aqui de Santa Maria do Pará, por isso que a Assembleia é diferente, ela alcança longe.

A saúde é uma questão séria. Não há médico no município e precisamos nos deslocar até Castanhal para ter atendimento médico. Mas, o prato principal da nossa mesa é a nossa terra. Aqui no Areal nós somos 35 famílias, lutando pela autodemarcação do território. Nós somos duas comunidades divididas, mas é só um território. Essa luta nossa já dura 13 anos, desde que fundamos a associação em 2003.



Nós discutimos três coisas essenciais: terra, saúde e educação. São essas reivindicações mais preciosas para o povo *Tembé*, aqui de Santa Maria do Pará”



Convivendo com a discriminação e o racismo



Não é
porque
nós somos
índios que
vamos ficar
no tempo
antigo e
dependendo
o tempo todo
dos outros”

A discriminação não deixa de acontecer. Isso ocorre desde o princípio, da invasão do Brasil. Muitos povos foram extintos, por serem considerado como bichos, considerado pessoas preguiçosas, pessoas sem valor. Hoje, infelizmente, isso não acabou. Alguns perguntam: pra que índio com tanta terra? Porque não trabalham? Não fazem nada?

A questão não é que nós não trabalhamos! É nosso direito ter nossa terra! Quando Pedro Álvares Cabral chegou ao Brasil o povo que eles encontraram foram os indígenas. Esses eram os donos da casa, porque os portugueses não descobriram, eles invadiram! Invadiram!

Hoje eu vejo muitos dos nossos parentes sofrendo, sendo discriminados, mortos por fazendeiros e latifundiários. Tudo isso pra mim é uma grande discriminação. Outros dizem: Ah! Por que vocês vivem nessa situação? Índio não é assim, índio é pra ‘tá vivendo lá dentro do mato, vivendo nu.

Mas não é assim. Índio tem cultura que muda se transforma mesmo, mesmo! Não é porque nós somos índios que vamos ficar no tempo antigo e dependendo o tempo todo dos outros. Antes nossas casas eram cercada de palha, coberta de palha, de chão batido, fogo no chão, peixe e a carne sendo muquiado. Hoje as casas mudaram. De cavaco pra telha, porque não tem mais árvore pra tirar o cavaco, para poder cobrir a casa. É diferente dos nossos parentes lá do rio Guamá, que ainda tem mata. Aqui a mata se acabou. Para ter peixe nós temos que comprar lá fora, porque aqui não tem mais. Acabou a madeira, tem que fazer casa de alvenaria. Na mudança não dá pra viver na casa de palha.

Essa nossa luta que nós iniciamos pra chegar até hoje, está custando caro e vai continuar custando cada vez mais caro.

Na educação, continua do mesmo jeito

Na educação continua do mesmo jeito: as crianças começam estudando na escola do branco, fora da aldeia. Em um dos desfiles de sete de setembro, por exemplo, eu saí junto com meus meninos. Eu estava representando a comunidade *Tembé* e todos estávamos pintados. Na rua nós podíamos perceber as pessoas mangando, dizendo: não tira foto com índio. Para que índio desse jeito? Índio é para estar no setor dele!

Nós preferimos não trocar ideias com essas pessoas. Porque, na verdade, nós que iremos nos prejudicar. E, assim, a discriminação continua. Nas escola também. Se o aluno não sabe de algo, dizem logo que é porque é índio. Complicado!

Quando a Secretaria de Estado de Educação (SEDUC) nos reconhecer, nós estamos pensando em trazer pessoas capacitadas para dentro da nossa comunidade, para trabalhar de acordo com a nossa cultura. Tem que ter uma pessoa que entenda a língua *Tenete'hara*, se não vai acabar de uma vez por todas a cultura e a língua. Com educação a criança vai poder entender os nossos direitos e o modo como se discute o direito lá fora. Mas, para isso precisamos ter uma escola aqui dentro. Também, precisamos ter o território demarcado.

O território é o mais importante para nós, porque nós não temos terra. Para nós conseguirmos a educação e a saúde, é preciso que nós tenhamos o nosso território demarcado. Sem isso o poder público, diz que não tem, dizem as autoridades, como instalar um prédio para atender a nossa demanda. A terra não é nossa! Então, no momento que a nossa terra for demarcada eu acredito que as coisas ficarão melhor. Precisamos da nossa terra e de nossa saúde. Eu penso diferente da sociedade branca, eles querem primeiro a educação e depois a saúde. Pra mim, é o contrário. Como é uma pessoa doente vai poder estudar? Então tem que ter as duas juntas! Se na sociedade branca a saúde está difícil imagina para os índios que não possuem sequer a sua terra própria, demarcada.



Para nós
conseguirmos
a educação
e a saúde,
é preciso que
nós tenhamos
o nosso
território
demarcado”



HISTÓRIAS TEMBÉ

O Cacique Miguel era excelente orador, com as suas narrativas prendia a atenção de todos. Além das observações descritas acima, as histórias abaixo, são as revelações do “senhor das histórias” *Tembé Tenetehara*. Elas foram ouvidas por nós, algumas foram gravadas. Ele era incansável em rememorar as histórias contadas por sua mãe. Tinha prazer em nos fazer ouvir o imenso número das histórias que considerava importantes.

Algumas das histórias contou uma, duas, muitas vezes, dizia sempre que as crianças tembé deveriam ouvi-las e contar aos demais para que todos soubessem porque os Tembé são um povo indígena.

Miguel era um excelente contador de histórias, sempre que encontrava alguém disposto a ouvi-lo narrava com gosto as histórias que ouviu de sua mãe, agora depois que ele se foi, nos disse um jovem *Tenetehara*: precisamos nos fazer fortes para continuar a tradição.

Na sequência, algumas das histórias que ouvimos do amigo Miguel. Procuramos transcrever as histórias na expectativa de que o leitor as escute, quase da mesma forma como narrava Miguel.



CARUANA

Espíritos ou encantados.

Da Mãe d'água

A água tem a Mãe d'água, tem espíritos. Todos são um povo encantado. Muitas vezes, ninguém acredita, mas existe. Existe na mata, existe na água. Existe **caruana**. O *Tenetehara* respeita muito a natureza devido aos caruanas. Hoje, ninguém chama mais caruana. Sei lá como se chama! E, se chamam.

Hoje a sociedade branca está desmatando, não tem mais nada. Até nossos próprios rios estão se acabando. Hoje nós quase não damos atenção às crenças, mas essas coisas existem. Um dia desses o menino adoeceu aqui com uma dor de dente. Levei-o ao hospital, ele foi medicado, tomou injeção, porque não podia arrancar o dente inflamado. Eu trouxe o remédio, ele tomou, mas não melhorou. Foi então que eu saí de noite com minha bicicleta e o levei até a Raimunda. Ela rezou nele e só então pode arrancar o dente. Segundo a Raimunda o problema veio da água. Ele não respeitou a mãe d'água!

[A história revela o cuidado que se deve ter com as águas.]



A Mucura

A **Mucura** tinha uma filha que estava na idade para casar. Foi então que apareceu um rapaz na casa da Mucura. O moço era baixinho e gordinho. Depois de conhecê-lo, filha da Mucura falou com seu pai: apareceu um rapaz tão bonitinho. Ah! Casa-se com ele, disse o pai da jovem Mucura. Ao que ela respondeu: eu queria casar com ele. Então, falou o pai, vai dizer para ele vir até aqui.

Quando o moço chegou, todos viram que era um jovem rapaz Lontra (*Lontra longicaudis*). O pai da pequena Mucura se dirigiu ao Lontra educadamente e disse: eu mandei te chamar aqui porque a minha filha se agradou de você e quer casar com você. O Lontra, animado, respondeu: foi? Então, tá! Só que tem um detalhe: amanhã nós vamos trabalhar, disse o pai, olhando severamente. Está bem! Depois disso, os jovens começaram a namorar.



MUCURA é o nome dado ao gambá na Amazônia. É um mamífero marsupial (possui bolsa). "Come de um tudo" pois é onívoro, gosta de atacar os galinheiros, é o terror das criações, que confinadas não conseguem se livrar do predador. É também conhecido como: sariguê, saruê ou sarigueia e tantos outros nomes depende da região.

Certo dia, o pai Mucura chamou o Lontra e avisou: amanhã nós vamos pescar. Mas eu não vou! Você vai junto com a minha filha. O Lontra concordou. Chegando ao local de pesca ele disse à esposa, você fica esperando e faz um fogo para mim. Então a Mucura fez o fogo. Quando o fogo estava aceso, o Lontra pulou em meio ao fogo e se enrolou e enrolou. Depois, jogou-se na água. Minutos depois, subiu com o braço cheio de peixes: tá aqui! Disse o esposo Lontra. O casal colocou os peixes em um paneiro (cesto) e os levaram para casa. Ao chegarem, o pai Mucura perguntou: como é o trabalho dele? Ah papai! Enquanto o senhor tem um trabalhão para pegar peixe, o Lontra não tem quase nenhum. Sabe como ele faz? Ele manda fazer um fogo, aí se enrola dentro e depois cai na água. Quando sai é trazendo os peixes. O Pai Mucura, rapidamente respondeu: ah rapaz! Isso ele aprendeu foi comigo. Não acredito! Disse a filha Mucura. Amanhã nós vamos pescar, disse o pai contrariado.

No dia seguinte, pai e filha fizeram o mesmo procedimento que o Lontra executou no dia anterior. Quando o fogo estava aceso, o pai Mucura se enrolou na fogueira, mas se queimou todo; jogou-se no rio, mas não trouxe peixe nenhum. Enraivecido, avisou à filha: quando eu chegar em casa vou mandar aquele cara embora! Não está vendo que isso não é jeito de se pescar. Ao chegarem em casa, a filha Mucura avisou ao seu namorado: papai disse que é para você ir embora. O Lontra, sem questionar, disse: está bem.

Dias depois, quando ainda se recuperava das queimaduras, o pai Mucura ouve sua filha falar: papai, apareceu outro rapaz. Eu não acredito! Você se agradou dele? Sim, eu me agradei dele. Então vai dizer para ele vir aqui. Então a moça chega junto com seu novo pretendente, o Pica-Pau (*Celeus Flavesceus*). Ao vê-los, o pai Mucura pergunta: e você quer a minha filha? Sim, responde o pretendente. Ela se agradou de você? Não sei. Sim, ela se agradou. E você quer casar com ela? Eu quero, afirmou o Pica-Pau. Com muita esperteza, o pai Mucura avisa de imediato ao Pica-Pau: olha, você vai ficar com ela. Mas tem uma coisa: amanhã vocês vão trabalhar. Primeiro eu quero que vocês colham sapucaí (*Lecythis pisonis*). O novo casal seguiu as ordens do pai Mucura. Chegando ao local de colheita, o Pica-Pau subiu na árvore e derrubou os frutos para a filha Mucura pegá-los. Em seguida, orientou o seguinte: agora você bate com o sapucaí na minha cabeça, assim vai abrir o tampo do fruto. A Mucura fez como indicado: largou o coco de sapucaí na cabeça do Pica-Pau e o fruto se abriu. Então o Pica-Pau disse: assim que se faz. Tudo muito fácil.

Ao chegarem em casa, o pai Mucura logo quis saber como a coleta havia ocorrido. Voltou-se para Filha e perguntou: e aí? Como foi o trabalho? O trabalho dele é fácil. Eu só tive o trabalho de derrubar o sapucaí. Depois o Pica-Pau quebrava na cabeça. Então, rapidamente, o pai Mucura responde: ah, isso ele aprendeu foi comigo!

Para não deixar dúvidas, o pai Mucura chamou a sua filha para o mato. Chegando ao local das palmeiras de sapucaí, a filha Mucura coletou os frutos do mesmo modo. Em seguida, seu pai começou a bater com a cabeça nos sapucaí. No entanto, o fruto não se abria. A dor de cabeça do Pai Mucura só aumentava e as batidas do sapucaí quase o deixam morto. Os frutos caíam para todo lado. Não abriu nada! Enfurecido, o pai Mucura gritou: vou chegar em casa e mandar aquele homem embora! Que coisa!

E mais uma vez, a filha Mucura perdeu um pretendente a noivo. Mas outro possível namorado resolveu aparecer. Dessa vez foi o Paturi, um pássaro de cabeça vermelha, que gosta de comer açai. Como já era de costume, logo a jovem Mucura apresentou o novo namorado ao pai: apareceu um rapaz bonito. Vai dizer pra ele vir aqui. Ao ver o Paturi (*Netta erythrophthalma*), o Pai Mucura foi logo antecipando:

— Olha, minha filha disse que você se agradou dela. E ela quer casar com você.

— Pois não — respondeu o Paturi.

Mas, no dia seguinte disse, o Pai Mucura mandou os dois pescarem. Chegando ao rio, o casal começou a se organizar para entrar na água. O Paturi, então, disse: — Olha, para pescar você só precisa subir nas minhas costas. Eu vou te levando e você vai pescando.

E assim foi feito, a jovem Mucura subiu nas costas do namorado e saiu pescando. Rapidamente, os dois pegaram muitos peixes. Ao chegarem em casa, o Pai Mucura logo perguntou: — E aí? Como foi a pescaria? — A pescaria dele é importante. Ele saiu me levando nas costas e eu ia pescando. Rapidinho nós pegamos muito peixe.

Como era de se esperar, disse o Pai Mucura: — Rapaz! Mas isso ele aprendeu foi comigo.

Logo em seguida, o Pai Mucura foi fazer o mesmo. Porém, quase morre afogada e quase mata a própria filha! Novamente, o Pai dispensou outro pretendente da Filha. Mas um último rapaz apareceu. Dessa vez foi o Carrapato.

Um belo dia, a Filha Mucura e o seu namorado Carrapato (*Rhipicephalus sanguineus*) foram coletar açai. Chegando lá, o Carrapato subiu no açazeiro e derrubou uns cachos do fruto. Para poder descer, o rapaz montou em uma folha e caiu bem calminho até o chão.

Chegando em casa, o Pai Mucura foi logo indagando a Filha: — E aí? Como foi?
— Ele derrubou os frutos no chão e aí só tive o trabalho de juntar. Para descer, ele veio na folha do açaí. — Ah, rapaz! Ele aprendeu foi comigo essas coisas.

Mais uma vez, o Pai Mucura contou vantagem e, como era de se esperar, no final tudo saiu errado. Chamou a Filha e foi tirar açaí. Depois de ter lançado os cachos para baixo, resolveu descer do mesmo modo que o Carrapato. Arrancou uma folha, sentou nela e se jogou de cima da palmeira. A queda foi grande: abouuuu!!!! O Mucura se quebrou todinho. Por isso, até hoje, as mãos das mucuras são tortas. E, também, elas podem cair de qualquer altura e não morre de queda.

[Miguel dizia que se deve ter cuidado com as crianças, há muito aventureiro no mundo.]



O coelho e as onças

Um Coelho (*Oryctolagus cuniculus*) tinha quatro filhos recém nascidos. Ao retornar à sua toca, depois de uma caçada observou que a Onça tinha comido todos as suas crianças. Preocupado com o ocorrido, jurou que a Onça ia pagar pelo que fez. Instantes depois, o Coelho resolveu usar a sua inteligência e pensou: — Eu vou esperar a camarada Onça.

Ao se aproximar vagarosamente do animal, o Coelho observou que a Onça estava tirando cipó. A Onça, ao ver o Coelho, disse: — Camarada Coelho! Que estais fazendo aí? Tirando cipó? — Rapaz, sim. Estou tirando cipó. Passaram-se alguns minutos e o Coelho continuou tirando cipó e observando a sua inimiga. Foi então que a Onça avisou: — Rapaz, eu vou embora. — Não, não vá embora não! Queria que você me amarrasse — disse o Coelho.

Sem entender, a Onça responde: — Amarrar para que? — Porque vai dá uma ventania muito forte. Vai nos levar para um lugar que nós não comemos, não bebemos.

É um lugar muito triste e ruim. E aqui não. Aqui nós temos água para beber, aqui tem muita comida. — É mesmo? — disse a Onça. — E ninguém segura! Rapaz, eu vou me amarrar em um pau bem forte. E você vai fazer esse serviço pra mim, e é agora! A Onça ficou pensativa por um instante e depois falou: — Não. Vamos fazer o seguinte: você me amarra primeiro, aí depois vem outro e lhe amarra. O Coelho concordou. A Onça se encostou em um pau e o Coelho amarrou bem amarrado, deixando a Onça bem presa. Quando acabou, o Coelho pegou outro cipó, torceu as duas pontas e fez uma muchinga, uma chibata, um chicote com cipó longo, flexível e trançado. A Onça, sem entender nada, perguntou: — E esse cipó é para que? — Para que é? Esse daqui é para dar uma surra na tua bunda, até arrancar o couro. Assim tu me pagas os meus filhos que tu comeste. Depois do aviso, o Coelho meteu a chibata para cima da onça: pá, pá, pá. Até quebrar o cipó todinho. O couro da bunda da Onça ficou todo esfolado. — Agora está bom! Agora tu ficas ai sozinha. — disse o Coelho, satisfeito com a surra. Tempos depois, passou a Cutia no mesmo local. A Onça, aproveitando para pedir ajuda, disse: — Ei, camarada Cutia! Vem me desamarrar aqui, rapaz. — Não. Você ‘tá é com fome. — disse a Cutia, ressabiada. Outros animais passaram pelo local. A Onça insistiu no pedido de ajuda com todos, mas ninguém concordava em ajudá-la. Passou o Veado, o Catitu, o Jabuti. Para piorar a situação, não passava nenhuma outra camarada Onça no local. Até que passou um grupo de macacos chamados Caíe. A Onça, novamente: — Vem me desatar aqui, camarada Macaco. — Não vou não. — respondeu imediatamente um dos macacos. Um outro macaco, resolveu ajudar. Mas sugeriu um modo seguro para retirar a Onça de suas amarras: — Desata os cipós, mas não desata as mãos. Começa pelos pés e deixa as mãos por último. Depois tu viras para o lado das costas dela, já que o nó está por trás. Ai quando ela quiser pular em ti, tu dá o teu jeito. Assim o macaco fez. Desceu da árvore, foi lá e desatou todos os nós, mas deixou as mãos por último. Quando foi desatá-las, a onça ainda jogou a mão para pegar o Macaco. Mas ele era ligeiro e conseguiu se livrar.

A Onça, então, pode ir para casa. Chegando lá, as outras onças perguntaram: — Camarada Onça, o que foi isso? — Foi o camarada Coelho. — Mas rapaz! Ele te açoi-tou. Pois nós vamos pegar ele e vamos comê-lo, não tem jeito! Para pegar o Coelho, vamos cercar o bebedouro. Juntas, todas as onças cercaram o bebedouro: — Só tem

esse bebedouro. Ele tem que vir para cá. — disseram elas. Coelho chegou de mansinho no bebedouro e viu que a onçaria estava toda por lá. Foi então que passaram duas pessoas pelo local. Dois homens para tirar óleo de copaíba, cada um com um balde, uma cabaça e um coité. Encheram suas vasilhas de óleo e o Coelho observou tudo aquilo. Foi então que resolveu correr e se jogar no caminho que os homens iriam pra mata. Vendo o bicho jogado no chão, os homens disseram: — Olha, um coelho morto! Coelho bonito e grande. Mas deixa ai. Se fosse ao menos uns dois, nós podíamos levar para tirar o couro. Os homens passaram. O Coelho resolveu levantar e deitar mais à frente, de novo. Vendo novamente o animal, os homens dizem: — Deixa! Nós já vamos muito ocupados mesmo. O coelho levantou de novo. E nessa arrumação, ele caiu mais ou menos umas dez vezes. Um dos homens disse: — Rapaz, são dez couros de coelho. E couro de coelho está dando dinheiro. Serve para muita coisa. Nós podíamos tirar o couro. Após ambos concordarem com o novo trabalho, um dos homens explicou: — Então vamos começar do primeiro. Nós deixamos os jamarú e os baldes aqui, voltamos ao primeiro coelho e vamos tirando os couros até chegar aqui novamente. Quando os dois homens se afastaram, o Coelho se jogou dentro de um dos baldes. Ficou todo melado de copaíba (*Copaifera langsdorfii*). Depois, saiu e se jogou nas folhas que estavam no chão. Ficou todo coberto com a folhagem e saiu em direção ao bebedouro. Ao chegar lá, as onças o viram e disseram: — Rapaz, lá vem a camarada folharal. Arreda, arreda... Deixa-o beber água. O coelho, então, bebeu sua água. Depois, seguiu e quando chegou mais à frente disse assim: — É o homem que eu tirei o coró da bunda? A Onça, enraivecida, disse: — Mas olha! É o camarada coelho! Foi então que todas as onças correram atrás do coelho. Mas não conseguiram pegá-lo. Passou um tempo, o Coelho ficou com sede novamente e queria beber água. Mas o bebedouro continuava cercado. Foi aí que ele teve outra ideia. Achou uma casa de cupim, cavou e passou as pernas e os braços por dentro, vestindo-se com o cupinzeiro. Depois disso, foi novamente ao bebedouro. Ao ser visto pelas onças, elas falaram: — Ih, lá vem a Mãe de Cupim. Deixem-na beber água. O Coelho disfarçado bebeu sua água. Mas quando saiu na frente, tirou a casa de cupim e falou: — O homem que eu tirei o coró da bunda! Enfurecida, as onças correram atrás dele novamente. Dessa vez, porém, conseguiram segurar a perna dele. O Coelho ainda tentou dizer que elas tinham

pegado somente uma raiz. Mas não deu certo. As onças o deixaram preso dentro da casa de cupim e o levaram. — Agora que ele está aqui, vamos pegar as ferramentas para tirar ele do cupinzeiro. No caminho, avistaram o Urubu e disseram: — Ei, camarada Urubu (*Coragyps atratus*). Tu queres comer as tripas do Coelho? — Ah rapaz, eu quero sim. — disse o Urubu. — Então fica reparando aqui, porque nós vamos em casa buscar os equipamentos para arrancar esse sacana de dentro da casa de cupim (*Coptotermes havilandi*). Nós vamos comer ele. As onças foram para casa e deixaram o cupinzeiro seguro com uma pedra. Vendo que estava só com o Urubu, o Coelho disse assim: — Ei, camarada Urubu! Rapaz, tu vais comer minhas tripas? Olha, quando nós estamos apastorando um prisioneiro nós precisamos olhar através da boca do buraco, bem de perto. — Para que? — disse o Urubu. — Para ver se o cara está dentro mesmo. O Urubu acreditou no Coelho e foi olhar pelo buraco da casa de cupim. Nesse momento, o Coelho jogou areia nos olhos do Urubu. O pássaro ficou pulando, pulando e saiu de perto do Coelho. Ao chegarem, as onças disseram: — Cadê ele? — Tá aí. Agorinha ele jogou areia nos meus olhos. — respondeu o Urubu. — Rapaz, nós vamos já é cavar essa casa de cupim. As onças cavaram, cavaram e cavaram. Chegaram ao fim do buraco e não tinha era nada. O Coelho já tinha ido embora! Como resultado, culpavam o Urubu.

As Onças, então, resolveram criar um plano para pegar o Coelho fugitivo. — Vamos enganá-lo. Vamos dizer que o nosso cacique morreu e nós vamos convidá-lo para ver nosso chefe. Porque nosso chefe era muito bom e o Coelho faz parte também da nossa turma. Quando ele chegar aqui nós o pegamos. Ao chegaram na casa do Coelho, as onças disseram: — Olha, camarada Coelho, nós viemos aqui para te convidar para o velório do nosso chefe. Ele morreu e é pra você ir até lá. Desconfiado, o Coelho respondeu: — ‘Tá certo. Daqui a pouco eu vou até lá. Só me esperar que mais tarda eu apareço. O Coelho esperou um tempo e disse: — Agora eu vou lá. Ao chegar próximos à casa das onças, ficou de longe e disse: — Cadê o chefe? Ele morreu? — Morreu! gritaram as Onças. Vendo que o Coelho se aproximava, as Onças começaram a se organizar: — Vamos colocar o Chefe em cima do pau, para dizer que ele está morto. Quando o Coelho entrar aqui nós o pegamos. Só assim vamos conseguir, porque correndo no mato ninguém consegue pegá-lo. Muito desconfiado com a situação, o Coelho continuou falando de longe: — Ei, ele morreu mesmo? — Morreu! Gritavam as onças. — Olha, meus avós diziam que quando

o cara morre ele peida. — Mas que conversa é essa? Com medo de perder a presa, as onças ficaram em um cochicho nos ouvidos umas das outras: — Peida aí para ele ouvir.

disse uma das onças para o Chefe. Em seguida, gritou para o Coelho: — Já peidou! — Mais outra vez. — Pediu o Coelho. — Peidou de novo. — Eu nunca ouvir dizer que morto peida. — Ironizou o Coelho ao longe. Descobrimo a farsa das onças, o Coelho foi embora. A Onça ferida com a surra, por sua vez, ficou a imaginar outro modo de pegar o esperto coelho. Decidiu-se, então, organizar uma festa. Como o Coelho era tocador, ele seria convidado para animar as danças. Assim elas fizeram. O Coelho aceitou o convite, mas com a condição de ser acompanhado pelo Macaco. As Onças não gostaram da ideia e disseram: — Não, nós queremos só você mesmo. O macaco toca bem, mas não é que nem você. Insistente, o Coelho disse: — O Macaco é meu discípulo. As onças finalmente aceitaram a presença do Macaco tocando na festa. Depois do acordo feito, o Coelho foi até o seu parceiro de música e pediu suas roupas emprestadas: — Olha Macaco, me empresta a tua roupa e o teu chapéu que eu vou já tocar na festa. Às sete para as oito horas da noite o Coelho chegou vestido com as roupas do macaco. Todos olharam e disseram assim: — Rapaz, chegou o macaco. O Coelho vestido de Macaco ficou tocando e as onças dançando. Algumas horas depois serviram uma bebida pra ele. O tocador, porém, ficou porre deitou no chão. As onças, vendo a situação, resolveram conferir se o Macaco era realmente quem dizia. Ao tirarem o boné da sua cabeça, depararam-se com dois orelhões: Rapaz, quem está aqui é o camarada Coelho. Vamos comê-lo assado! Faz o fogo! Vamos pegar ele vivo e jogar dentro do fogo. Assim ele vai pagar o que fez para o camarada Onça. Foi ai que fizeram uma coivara de fogo. Quando o fogo estava aceso mandaram jogar o Coelho. Mas nesse momento a vítima acordou: — O que vocês vão fazer comigo? — Vamos te matar queimado. disseram as Onças. Rapidamente, o Coelho gritou: — Fogo não me mata. Agora o que me mata é água. As Onças, empolgadas com a possibilidade de maltratarem o Coelho decidiram jogá-lo no rio. Feito isso, o Coelho nadou rapidamente e só apareceu do outro lado. Satisfeito por ter escapado novamente, o Coelho gritou: — O homem que eu tirei o corô da bunda.

[É por isso que os coelhos têm medo da água até hoje. Por isso também que eles são assustados na mata. Não podem ver ninguém se aproximando que correm.]

Apurike, o macaco

Houve um dia em que os *Tenetehara* pegaram uma preguiça (*Bradypus variegatus*). De noite ela se transformava em uma pessoa, uma mulher. Com essa arrumação, a preguiça engravidou. Mas deu à luz a um macaco, que todos passaram a chamar de preguicinha. A mãe da criança faleceu logo após o parto, mortas pelos humanos. Quando cresceu, o preguicinha virou menino, mas todos o chamavam pelo nome preguicinha. O menino era criado pelos *Tenetehara*.

Então o garoto começou a ajudar os parentes na produção de farinha, de tapioca e de goma. O preguicinha costumava guardar tapioca, mas todos os dias seu avô comia tudo. O velho acabava com a dele e começava a comer a tapioca do menino. Chateado com a situação, o menino decidiu ir embora da aldeia. Pegou sua cuia e saiu. Mas antes avisou: quando eu passar por perto da aldeia e vocês ouvirem meu canto é porque alguém da família vai morrer.

Ao chegar no mato, o menino se transformou em maçado, o macaco quatro olhos. Na língua *Tenetehara* o chamamos de *Zupati*. Então, até hoje, quando se escuta o canto do *Zupati* próximo à nossa casa, já sabemos que um familiar irá morrer.

O mesmo ocorre com o tamanduá (*Myrmecophaga tridactyla*). Todas as vezes que encontramos tamanduá durante o dia, é sinal de que algum parente vai morrer. Isso aconteceu comigo. Certo vez, eu estava indo para o igarapé tomar banho, por volta das 10h da manhã, quando vi um tamanduá próximo à água. Poucos dias depois minha mãe faleceu. Da última vez que encontramos um tamanduá dentro da aldeia, uma parente também morreu logo em seguida.

[Os bichos se transformam e, muitas vezes, dão sinais, avisos. Miguel prosseguiu, é bom escutar o que dizem os animais, eles têm língua própria!]



Vamos descobrir pensando, de cada história o Cacique Miguel tira uma, duas, muitas lições. Aproveite as histórias e junto com os mais velhos e experientes, ou ainda, com seus professores pensem em aprender mais sobre a vida dos animais. Descubram se há animais perto da sua casa, da escola, do rio e assim por diante.

Do Bacurau, o pássaro da noite

Havia um menino, chamado Iraí. Que irritado com o canto do Bacurau (*Nyctidromus albicollis*), começou a reclamar com o pássaro, ameaçando rasgar a sua boca para nunca mais ter que ouvir seu cântico. O Bacurau ficou chateado e levou o menino para o outro lado do rio. Iraí ficou perdido, perdido não sabia como voltar para casa. Na outra margem, sem saber onde estava, o menino encontrou com o Pica-Pau e pediu ajuda, mas o pássaro não tinha como carregá-lo. Em seguida, surgiu um Jabuti (*Chelonoidis carbonária*), para quem o menino pediu ajuda novamente. Porém, mais uma vez, não havia como atravessar o garoto. Iraí pediu ajuda para vários bichos, mas nenhum conseguia ajudá-lo!

Foi então que veio o Paturi (*Netta erythrophthalma*) em uma canoa. Sem poder colocar Iraí na embarcação, o Paturi pediu ajuda do Jacaré, para carregar o menino nas costas e atravessar o rio. Mas antes, o Paturi avisou que o menino não podia ficar importunando o Jacaré (*Melanosuchus niger*), caso contrário poderia chateá-lo.

O jacaré veio e Iraí subiu em suas costas. No caminho, o pequeno curumim começou a fazer comentários sobre o Jacaré: — Oh bicho das costas feias, cheias de curubas (feridas). Que cabeça feia, parece um sapato. Que rabo feio, mais parece um serrote. Que bicho da catinga fedorenta, catinga velha enjoada. Que coisa feia!

O jacaré ficou calado o tempo todo. Chegando à margem do rio, o menino pulou das costas de seu ajudante de travessia e gritou: — Bicho enjoado! E saiu correndo. O jacaré ficou enraivecido e foi atrás. No caminho, o garoto encontrou um Socó (*Tigrisoma lineatum*) e pediu ajuda, dizendo que o jacaré queria comê-lo. O Socó, então, escondeu Iraí no saco da sua goela. Quando o Jacaré passou, perguntou pelo garoto. O Socó disse que não havia visto ninguém, mas o Jacaré perguntou porque havia rastro do Iraí no chão.

O Socó novamente disse que não viu e que não estava escondendo ninguém. Passado o perigo, o Iraí saiu do bico do Socó e foi para mata. A fome começou a chegar e o menino resolveu dormir. Foi então que o filho do Beija-Flor (*Trochilus*) chegou e



perguntou se o menino queria comer: — Logo ali na frente tem um pé de mari (*Cassia leiandra Benth*). Pode comer mari que tu vais tranquilo. Leva um bocado pra tu ires comendo. Faz um paneiro e coloca dentro.

O menino teceu um paneiro com envira de sapucaia e colocou as frutas dentro. O menino, ainda perdido, continuou perambulando pela mata. Conversava com todos os bichos. Foi então que um dia ele encontrou com a Cutia. Iraí então pediu à Cutia que lhe emprestasse um tição de fogo. A Cutia foi tentar pegar o fogo da casa da Jibóia (*Boa constrictor*), mas a cobra prendeu os dois: — Agora vocês dois serão minha comida! Disse a Jibóia. Foi então que a Cutia disse que o menino não podia demorar, já que o seu chefe estava esperando por ele: — Mas quem é o chefe dele? Perguntou a Jibóia. — O chefe dele é o Acauã (*Herpetotheres cachinnans*), disse a Cotia.

Como a Jibóia tem medo do Acauã, liberou Iraí e a Cotia. O menino andou novamente até chegar à casa da Coelha, que o acolheu durante a noite. No outro dia, a Coelha o levou até o Catitu, que conhecia os pais de Iraí: — Para onde tu vais? Perguntou o Catitu. O garoto respondeu que estava procurando a casa do pai, disse que estava perdido. O Catitu então respondeu: — Meu roçado é ao lado do roçado do teu pai. Vou te levar até lá.

Foi então que finalmente o Iraí encontrou a barraquinha dos seus pais. Correu para abraçar a mãe, mas ela não podia abraçá-lo: — Não posso te abraçar, porque está com muito anos que estais perdido no mato. Tu estais cheio de caruara e não pode ser abraçado! Disse a mãe do garoto.

De repente, aparece o pai de Iraí. O homem não suportou e acabou abraçando o menino. Iraí entrou no corpo do pai; os dois corpos se juntaram com o abraço. Depois, os dois desapareceram.

[Com caruara não se brinca, ele exige respeito, ensinou Cacique Miguel.]



História do Caipora

Havia um *Tenetehara* que todo dia ia caçar. Mas ele não matava a caça! Ele via veado, porco, cutia... as caças do dia. Atirava em todos e ia embora. Não matava de uma vez. Mas, certo dia, ele já estava voltando da caça, quando a Caipora atravessou seu caminho.

O Caipora andava pelo mato montada em um veado e acompanhada de muitos bichos: porco, cutia. Ela ia aboiando todos eles. Vendo aquilo, o *Tenetehara* se escondeu atrás de um pau. Porém, todos os animais sentiram o *Tenetehara* e se espantaram. Todos correram para um lado diferente. O Caipora ficou enfurecida, pois sabia que o *Tenetehara* estava caçando sem necessidade. Logo desconfiou que os bichos se assustaram com ele: — Mas um dia eu te pego, disse o Caipora.

O *Tenetehara*, porém, permaneceu escondido e resolveu ir embora. Chegou em casa assustado, sem trazer nada nas mãos. Nesse dia não conseguiu matar nada. Nem um nambu (*Tinamus guttatus*) matou, porque não teve jeito. Toda vez chegava com um Nambu, uma caça pequena, o bicho fugia.

Na aldeia, outro *Tenetehara* vendo a situação do parente, disse: — Mas rapaz, você está ruim!

Assustado, o caçador respondeu: — Eu vi o dono do mato montado e tangendo os bichos. Eles se espantaram e eu não pude atirar. Porque se eu atirasse o Caipora ia me pegar.

Passaram três dias e o caçador *Tenetehara* foi de novo para mata. Novamente não conseguia pegar nada! Mas ele ia boiando... aí se escondeu. As caças continuavam a fugir e o *Tenetehara* se metia cada vez mais no mato. Mas de repente, foi pego pelo Caipora!

— Agora tu vais junto comigo! Disse a Caipora ao agarrar o *Tenetehara*. O Caçador, nesse momento, passou a ser carregado como uma caça e levado para longe.

Chegando à casa da Caipora, bem no meio da mata, o *Tenetehara* viu todos os animais que ele havia ferido: uns com mão quebrada, outros mortos, alguns dando bicho, uns bem magrinhos.

— Todos esses animais foi você que feriu. Alguns morreram agonizando, dando muito trabalho para mim. Tudo isso porque você não atira seguro, para matar e levar somente um animal. Para que fazer essa ganância? Porque tem gente assim?

Depois de mostrar todos os animais feridos pelo caçador *Tenetehara*, o Curupira o manteve em casa, dando alimento durante a noite.

— Pois é! Você vai passar a noite. Só volta amanhã. De hoje em diante você vai pega só aquele que você conseguir matar e levar. Não fique, apenas, ferindo.

No dia seguinte, o caçador *Tenetehara* retornou à aldeia. Seus parentes, preocupados, questionaram seu paradeiro. O *Tenetehara* então explicou o acontecido. Completamente nervoso falou:

— Estou traumatizado com o que eu vi. De hoje em diante eu só vou caçar uma vez por semana!

[Desde então, para não se deparar com o Caipora, nenhum *Tenetehara* caça além do que irá comer ao longo da semana. O Caipora, quando descobre alguém caçando por maldade, judia mesmo. Essa é a história da Caipora!]



História do Guariba

Segundo a história, o Guariba (*Alouatta fusca clamitans*) perdeu os pais quando ainda era recém-nascido. O tempo passou e, aos 15 anos de idade, ele resolveu buscar as referências das suas origens. O Guariba queria saber mais sobre seus pais. A maneira que encontrou para descobrir algo foi sair pelo mundo perguntando como seu pai cantava. A todos indagava, mas ninguém sabia responder ao certo. Alguns diziam uma coisa, outros afirmavam algo totalmente diferente. Não tinha jeito nenhum para encontrar! Foi então que o Guariba, passando pela casa da Preguiça, resolveu indagá-la: — Preguiça, tu sabes me contar como meu pai cantava?

A Preguiça pacientemente respondeu: — Sim, eu sei. O guariba ficou animado e logo já queria saber a resposta: — Então, como é? — Ele estava afoito, depois de tanto tempo de procura.

A preguiça, sempre paciente, respondeu: — Olha, deixe-me terminar de pentear meus cabelos. Depois eu vou te ensinar. Após alguns momentos de espera, as duas personagens sobem para a parte mais alta da árvore onde estava a casa da Preguiça. Foi então que a informante, calmamente, começou a cantar. A forma de cantar da Preguiça era semelhante à do Guariba, mas com um tom diferente. De todo modo, foi o suficiente para o Guariba lembrar do canto do seu pai. Emocionado, abraçou a Preguiça e agradeceu muito. A aproximação entre o Guariba e a Preguiça fez surgir outra família, posto que o primeiro casou-se com uma das filhas da sua interlocutora. A Preguiçinha e o Guariba formaram uma família. E, então, começou uma nova geração!



História da Capivara

Certo dia, um *Tembé* resolveu amansar uma Capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*) que vivia em um rio próximo à sua aldeia. Com o passar do tempo, o animal virou pessoa, especificamente uma bela mulher. Diariamente, ao meio dia, o parente ia ao igarapé tomar banho e encontrar-se com a Capivara. Porém, ele esperava todos os outros parentes saírem de lá, para poderem banhar-se sozinhos. Sem saber de nada e curiosos com os novos hábitos do parente, os outros Tembié resolveram investigar. Foi então que um deles, irmão do enamorado *Tembé*, seguiu-o até o igarapé.

Chegando lá, observou seu irmão chamar pela Capivara, mas pelo seu nome na língua *Tenetebara*: “Açuré, Açuréeee, Açuréee!”. Tal foi a surpresa do investigador indígena, ao ver a Capivara nadando em direção ao solitário *Tembé*. Ao passo que se aproximava e saía da água, seu corpo ia se transformando em mulher, bonita e exuberante. Assustado, o observador exclama: — Mas rapaz! O que é isso?

Ao voltar para aldeia, o irmão do ‘amansador’ da Capivara espalha a notícia entre seus pares. Preocupados com a situação atípica vivenciada pelo parente, todos decidem ir à caça do animal, no intuito não somente de matá-lo, mas de servi-lo como refeição. Essa foi a única maneira que todos encontraram para evitar que o bicho retornasse aos encontros com o *Tembé* apaixonado.



Com tudo planejado, todos esperaram o irmão sair para caçar sozinho. Logo depois, foram ao igarapé e chamaram: “Açuré, Açuréeee, Açuréee!”, do mesmo modo como o enamorado índio fazia. Quando a Capivara já se transformava em mulher, o grupo de índios lançou várias flechas contra a figura humana, matando-a dentro d’água.

No outro dia, o *Tembé* apaixonado vai ao igarapé, como sempre fazia. Dessa vez, porém, seu chamado não é atendido. Desesperado, ele gritava: “Conecutara açuréeee?”, que quer dizer “onde tu estás, Capivara?”. Nesse momento, seu irmão se aproxima e lhe mostra o cachimbo do animal: — Olha aqui... — em seguida, explica ao irmão o acontecido e a situação de perigo em que se encontrava.

Quando entendeu o que aconteceu, o amante da Açuré chorou. Ficou louco e foi pra dentro da água procurando sua antiga namorada. Acabou desaparecendo, dentro da água. Mas, em pouco tempo, reapareceu. Mas estava transformado em boto. E é por isso que hoje existe o boto: ele surgiu da tragédia com a capivara. Sua irmão acabou o acompanhando na sua transformação, surgindo com isso um casal de botos idênticos a um homem e a uma mulher. Eles costumam aparecer na praia. O boto sai da água transformado em pessoa e vai para as festas. Os praianos têm muito respeito com boto!



Outras formas de conhecer os *Tembé Tenetehara*

Quando os *Tembé Tenetehara*, conhecidos como *Tembé* de Santa Maria do Pará, chamaram-nos para nos incumbir de escrever suas histórias, demos muitas voltas e tentamos de maneiras diversas que eles escrevessem suas histórias. Hoje, vem a público as histórias do Cacique Miguel! Que narrou com cuidado o pouco do muito que sabia.

Antes de conseguir reunir as histórias do grande narrador da aldeia Areal, conversamos, escrevemos e publicamos trabalhos que, talvez, ajudem os leitores, os professores e os estudantes e até mais gente a aprender, um pouco mais, com as histórias a respeito do povo *Tembé Tenetehara*.

- BELTRÃO, Jane Felipe & LOPES, Rhuan Carlos dos Santos. 2014. “Diásporas, homogeneidades e pertencas entre os Tembê Tenetehara de Santa Maria”. In: *Aceno — Revista de Antropologia do Centro-Oeste*. v. 1, p. 123-143. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/1610/pdf>.
- BELTRÃO, Jane Felipe; LOPES, Rhuan Carlos dos Santos; CUNHA, Mainah Jailson Sampaio; MASTOP-LIMA, Luiza de Nazaré; DOMINGUES, William César Lopes & TOMÉ, Tiago Pedro Ferreira. 2015. “Vida e morte entre povos indígenas”. In: *Espaço Ameríndio*. (UFRGS), v. 9, p. 206-238. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/54951>.
- FERNANDES, Edimar Antonio; BELTRÃO, Jane Felipe & SILVA, Almir Vital. 2011. “Associação Indígena Tembê de Santa Maria do Pará (AITESAMPA): um relato sobre a luta por direitos étnicos” In: *Amazonica: Revista de Antropologia* (Online), v. 3, p. 392-406. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/774/1060>.
- FERNANDES, Rosani de Fatima. 2015. “Tembê Tenetehara de Santa Maria do Pará: formas de silenciamento étnico, resistências e luta por direitos” In: *Revista de Estudos Amazônicos*. v. 1, XIII, p. 214-249. Disponível em: http://www.ufpa.br/historia/Estudos%20Amazonicos/Rosani_Fernandes.pdf.
- LOPES, Rhuan Carlos dos Santos & BELTRÃO, Jane Felipe. 2016. “Patrimônio histórico e memória social: entre indígenas e ex-internos na Vila Santo Antônio do Prata, Amazônia brasileira” In: *ContraCorrente, Revista de Estudos Literários e da Cultura*. v. 9, p. 1-15. Disponível em: <http://periodicos.uca.edu.br/index.php/contracorrente/article/view/883/pdf>.
- LOPES, Rhuan Carlos dos Santos. 2015. “Os Tembê Tenetehara de Santa Maria do Pará: entre representações e diálogos antropológicos”. In: *Iluminuras* (Porto Alegre). v. 16, n. 38, p. 219-254. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/57438/34494>.
- LOPES, Rhuan Carlos dos Santos. 2016. “Políticas indigenistas na Amazônia brasileira e a resistência étnica dos Tembê Tenetehara de Santa Maria do Pará”. In: *Espaço Ameríndio* (UFRGS), v. 10, p. 162-193. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/66366>.

SOBRE OS/AS ORGANIZADORES/AS

Edimar Antonio Fernandes

Pertence a etnia *Kaingang*, é formado em Administração e mudou-se para o Pará. Foi adotado pelos *Tembé Tenetehara* de Santa Maria do Pará e com eles escreveu a história da *Associação Indígena Tembé de Santa Maria do Pará (AITESAMPA)* que defendeu como dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Direito. Hoje, encontra-se concluindo doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) escrevendo sobre políticas afirmativas para povos indígenas na Instituição que o abriga como estudante e, onde, é militante do movimento indígena que luta pelos direitos étnicos.

Jane Felipe Beltrão

Gosta de “contar histórias” e foi escolhida pelos *Tembé Tenetehara* para contar sua saga, razão pela qual ousa escrever livros para públicos que não se encontram na academia. Dando voltas e convivendo com o povo *Tembé* conseguiu, junto com outros pesquisadores, fazê-los contar suas histórias nos seus próprios termos. Procura contribuir para o entendimento entre povos e tenta diminuir os preconceitos e combater o racismo, pois é antropóloga e historiadora. É professora titular na Universidade Federal do Pará (UFPA) e pesquisadora junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Rhuan Carlos dos Santos Lopes

Paraense nascido em Bragança, formou-se em História pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e decidiu dialogar diretamente com a Antropologia e Arqueologia, fez mestrado e doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) e estágio no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN/UFRJ). Hoje, atua em consultorias e é docente junto a Universidade do Estado do Amazonas (UEA). A experiência com a docência e o diálogo com povos tradicionais da Amazônia, levaram-no ao desafio de mediar o conhecimento acadêmico para diferentes públicos, por intermédio de textos, cursos e oficinas.

www.portal.abant.org.br

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Campus Universitário Darcy Ribeiro
Prédio do ICS – Instituto de Ciências Sociais
Térreo – Sala AT-41/29
Asa Norte – Brasília – DF
CEP: 70910-900
TELEFAX: (61) 3307-3754

REVISÃO

Patrícia Freitas

ILUSTRAÇÕES [ANIMAIS – PP. 11, 37 E 41]

Camille Gouveia Castelo Branco Barata

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Mórula Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C325c Carvalho, Miguel, 1954

Cacique Miguel : o senhor das histórias Tembé | Tenetehara / Miguel Carvalho ;
organização Jane Felipe Beltrão, Rhuan Carlos dos Santos Lopes, Edimar Antonio
Fernandes. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Mórula, 2017.

48 p. : il ; 21 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-656-7968-8

1. Carvalho, Miguel, 1954. 2. Índios – Brasil – Biografia. I. Beltrão, Jane Felipe.
II. Lopes, Rhuan Carlos dos Santos. III. Fernandes, Edimar Antonio. IV. Título.

17-44891

CDD: 980.41

CDU: 929(=87)(81)





ABA PUBLICAÇÕES

 **mórula**
EDITORIAL

PATROCÍNIO:



REALIZAÇÃO:

PPGAS
MUSEU NACIONAL | UFRJ
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM
ANTROPOLOGIA SOCIAL

